

Você é o melhor menino desse grupo!

Ana Cristina Oliveira¹, Karolyne Oliveira^{1,2}, Edlane Alves¹, Marcela Tassyany¹,
Yngrid Cabral¹, Thayanne Sousa¹, Fanny Batista¹

¹Grupo de Pesquisa em Redes Convergentes (GPRC)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB)
Campina Grande, Paraíba, Brasil

²Dataprev – Empresa de Tecnologia da Informação da Previdência Social
João Pessoa, Paraíba, Brasil

ana.oliveira@ifpb.edu.br, karolyne.alves@dataprev.org.br,
{edlaneoliveiragusmao2,marcelatassyany,yngrid.tecinfo,thayannevls}@gmail.com

Abstract. *This article presents an account of the experiences of a group of women who are joined the technology area seeking to occupy positions in this area. The objective of this paper is to present their personal experiences and which factors influenced and motivated the entry of these women in the area of Information Technology to foster the development of actions that attract and encourage more women to this field.*

Resumo. *Este artigo expõe um relato de experiências de um grupo de mulheres que se uniu buscando ocupar posições de trabalho no universo da tecnologia. O principal propósito é apresentar suas experiências pessoais e quais fatores influenciaram e motivaram o ingresso dessas mulheres na área de Tecnologia da Informação, visando contribuir com a elaboração de ações que possam atrair e estimular uma maior atuação feminina nesse meio.*

1. Introdução

“Você é o melhor menino desse grupo!” Esse foi um elogio recebido por uma das autoras desse artigo do coordenador de um projeto em que apenas ela era mulher. O coordenador fez o comentário na intenção de que seria o melhor elogio que ela poderia receber. Ela deveria se sentir muito feliz por esse elogio? Afinal de contas, ela não era um menino.

Ela estranhou a frase e lembrou do quanto o próprio grupo às vezes desprezava as suas opiniões e das vezes em que se deparou com a vontade de alertar aos colegas de trabalho de que não era um menino. Às vezes no começo da frase, às vezes nem prestando atenção e muitas vezes chegando à mesma conclusão que ela havia sugerido semanas atrás após algum tempo de estudo dos meninos do grupo. Finalmente, depois de um bom tempo, ela foi reconhecida profissionalmente. Ela foi reconhecida ou ele foi reconhecido?

A identidade do profissional de Tecnologia da Informação (TI) é subliminarmente entendida como masculina. O menino da informática para consertar o computador, o programador, o cara que trabalha em campo passando fibra ótica nos postes. As mulheres são igualmente capazes. Só que elas mesmas podem não saber disso. Como fazer para começarem a acreditar nelas mesmas?

Ter mulher no ambiente de trabalho traz à mente a lembrança de entrar em uma sala e sentir um cheiro bom, ver sempre um hidratante por perto, umas canecas coloridas e enfeites na mesa. Vem à mente competência? Quem é mulher na área de TI sabe da obviedade de que não existe diferença em termos de potenciais e capacidades intelectuais apenas por questão de gênero. Existem bons e maus profissionais e para isso não importa o gênero. Uma mulher pode ser femininamente inteligente e competente na área de informática. Um homem pode não se sair tão bem assim.

Duas recentes polêmicas no Brasil desencadearam discursões sobre o empoderamento das mulheres em vários seguimentos. O primeiro por causa de uma matéria de circulação nacional descrevendo o exemplo de mulher que teria o vice-presidente da república Michel Temer, que era bela, recatada e do lar (Linhares, 2016). Esse modelo foi durante muito tempo sendo modificado no país de modo que as mulheres pudessem ocupar diferentes cargos de destaque. Um outro fato polêmico foi a questão de, ao se tornar presidente, Michel Temer não ter nomeado nenhuma mulher para cargos de primeiro escalão. Esses episódios, longe de serem uma exceção, mostram que setores tradicionalmente dominados por homens estão voltando a serem ligados a eles. A computação não foge deste panorama, bem como em outras áreas “difíceis” (Medeiros, 2011). Estudos mostram que as mulheres vêm cada vez mais se distanciando da área de TI (Henn, 2014).

Neste artigo serão tratados relatos de sucesso de mulheres que iniciaram na área de TI ainda no ensino médio, que continuaram seus estudos e que descobriram o quanto essa área é para mulheres, assim como é para homens. O objetivo deste artigo é de compartilhar o que as motivou e encantou na tecnologia, objetivando propor e colaborar com ações que possam atrair e estimular uma maior participação de mulheres.

2. Desigualdade de Gênero

Fatores externos e questões impostas culturalmente tendem a ser internalizadas pelos indivíduos ao longo de sua vida e formar a visão de mundo deles. No que diz respeito ao gênero não é diferente. Desde a infância é comum o estabelecimento de estereótipos e tabus. O conceito de que existem profissões exclusivamente masculinas e femininas é um exemplo disso. A sociedade impõe categorias de gênero: “*Na grande maioria da sociedade, essas supostas diferenças são usadas para justificar diferenças de poder e divisões de trabalho em casa e no mercado de trabalho*”. (Abbate, 2012).

O modelo conservador ainda pode ser visto como sendo o “ideal”. O fato de a mulher contemporânea poder ocupar cargos de liderança ainda assusta. A teoria do materialismo cultural trata da complexidade e dos problemas em se discutir um determinado conceito sem antes analisar o contexto histórico. A discriminação se dá a partir da visão cultural, social e das práticas vivenciadas pelo indivíduo ao longo de sua formação e do passado histórico, o qual ele não vivenciou, mas teve contato por meio das práticas dos seus pais, avós e entre outros (Williams, 2011).

Há um crescente numero de iniciativas de empresas, ONG’S e governos que procuram estimular a participação feminina na área tecnológica, como *Technovation Challenge, He for She, Digi Girlz, Women who code, Women Techmakers, WIE, WIT*, entre outras. Essas iniciativas sofrem críticas de pessoas que não compreendem como ações desse tipo podem ajudar a diminuir a desigualdade de gênero. Contudo, elas

contribuem para a desconstrução do estereótipo de que mulheres deveriam ocupar posições “femininas”. Essas ações servem para motivar empresas a realizarem parcerias e trazer mulheres para ocupar cargos de gestão, por exemplo. É importante estimular a presença de mulheres na área tecnológica e outras áreas “difíceis” por meio de políticas públicas, com leis e regulamentações específicas, visando expandir oportunidades econômicas para mulheres (Banco Mundial, 2012).

O apoio dos homens para redução da desigualdade de gênero também vem sendo promovido. Ações como o *He for She* (Eles por elas) buscam combater a violência e a discriminação, mas também reforçar a ideia de igualdade entre homens e mulheres (He for She, 2016). Thyanne tem o exemplo de um irmão que a ajudou a descobrir potenciais na área tecnológica. *“Agradeço ao meu irmão que me convenceu a fazer o técnico, pois agora tenho certeza de que quero continuar na área e seguir para graduação em Ciência da Computação. Eu sei que muitas mulheres não tiveram a mesma sorte que eu em ter apoio para estudar o que tem vontade sem sofrer preconceitos, principalmente nas áreas de exatas e tecnologia. Mas afirmo com certeza de que é apenas necessário você acreditar em si mesma e estar disposta mesmo com as dificuldades a continuar. Ninguém poderá impedir você de trilhar o caminho que quer e existe muito suporte online para quem queira começar, como eu estou agora”*.

3. Quem São Elas?

As alunas que serão apresentadas nesta seção possuem desempenho escolar bem acima da média. Elas estudam com rapazes e são reconhecidas por suas competências por alunos, alunas, professores e professoras. Um ponto importante a ser ressaltado é que todas as autoras deste artigo iniciaram nesta área por meio de cursos técnicos. Nesses cursos, elas se identificaram com a área e optaram por fazer um curso superior que estivesse dentro da meta que traçaram para o futuro profissional.

A crescente procura por parte das empresas, a remuneração cada vez mais igualitária entre ambos os sexos, bem como a mudança cultural da visão da mulher em todas as áreas inclusive em TI, torna-se um estímulo para que as mulheres continuem no curso e sigam uma futura profissão nesta área (Huallem, 2013).

Thyanne Luiza tem 16 anos e atualmente está concluindo o ensino médio e também o técnico integrado em informática em um instituto federal. Tudo começou quando ela tinha 13 anos e começou a ter interesse sobre alguns assuntos de programação. Como tinha um irmão que cursava Ciência da Computação, acabou pedindo ajuda e sendo influenciada por ele a entrar nesse mundo.

“Meu irmão teve um papel importante, orientou-me e me ensinou programação. Logo depois, teve a ideia de eu tentar ingressar no IFPB para aprofundar meus conhecimentos e conhecer mais sobre a área da computação”. Thyanne ingressou no IFPB em 2014, teve suas primeiras experiências com olimpíadas de programação, OPI (Olimpíada Paraibana de Informática) e OBI (Olimpíada Brasileira de Informática), assim como participações em projetos de pesquisa e atualmente está participando de um time que está desenvolvendo uma ferramenta que trabalha com QR-Code e Android para autenticação de produtos.

O curso técnico foi de grande importância para motivar Thyanne a se dedicar à área de TI. *“Apesar de em muitos lugares encontrarmos preconceito contra mulheres no campo da computação, no IFPB o que recebi foi apoio e suporte para expandir meu conhecimento e trabalhar no que eu gostava, tanto quanto o reflexo que tínhamos das nossas professoras mulheres na computação”*.

O interesse de Fanny pela área de informática começou com a popularização das redes sociais. Ela desejou saber como funcionava esse “universo”. Até que um dia soube de uma escola que oferecia o curso técnico de informática juntamente com o ensino médio. Era necessário participar de um processo seletivo. Ela se esforçou para conseguir a vaga. Atualmente se encontra no último ano do curso. *“Percebo que todo esforço que tive para aprender programação e afins, valeu a pena”*.

As alunas Edlane (técnica em Telecomunicações), Marcela (técnica em Manutenção e Suporte em Informática) e Yngrid (técnica em Tecnologia da Informação) são graduandas do 5º período do curso superior de Tecnologia em Telemática do IFPB. Um tecnólogo em Telemática alia conhecimento em três principais áreas: Telecomunicações, Redes de Computadores e Informática, estando capacitado a trabalhar no projeto e gerência de infraestruturas de TI e no desenvolvimento de sistemas. As três formam uma equipe feminina que desde o início do curso se uniu com o propósito de fazer a diferença em um universo predominantemente masculino, que é o universo da tecnologia. *“Nossa área de atuação predominante é redes de computadores, com foco em computação em nuvem, virtualização e segurança, mas também já trabalhamos em telecomunicações com comunicações ópticas sem fio”*.

Ana Cristina e Karolyne são irmãs. Começaram juntas ainda muito jovens a estudar sobre Internet e operação de microcomputadores. Fizeram curso técnico integrado em informática, o curso superior em Tecnologia em Telemática na instituição que hoje se chama IFPB, mestrado e doutorado em Ciência da Computação. Ana Cristina tornou-se professora do IFPB e Karolyne é analista de Tecnologia da Informação na Dataprev.

Karolyne relata: *“eu comecei a me interessar desde a adolescência, quando chegaram os primeiros computadores na minha cidade. Nesta época, houve curso de capacitação no parque tecnológico (PaqTc). Era de fato um curso voltado para homens adultos e apenas nós (eu e minha irmã) éramos do sexo feminino e ainda mais adolescentes. Desde então, gostamos muito da área e nos aprofundamos. Mesmo com bastante dedicação de nossa parte, percebemos a predileção de cargos para pessoas do sexo masculino, mas não esmorecemos e fomos à luta. Formei-me como única mulher da turma. Dentro da área de informática, atuei em vários segmentos. Comecei como programadora, fui professora de programação Web. Neste período, era a única programadora da empresa em que trabalhava. Passei em um concurso público para empresa pública do setor de TI, onde majoritariamente os cargos mais elevados são sempre ocupados por homens...”*

Ana Cristina atualmente coordena de projetos de pesquisa, extensão e de inovação, já atuou como coordenadora dos cursos técnicos em Informática e é coordenadora do curso superior de Tecnologia em Telemática no IFPB campus Campina Grande. Ela é membro dos grupos de mulheres na em TI da ACM e do IEEE (WIT - *Women in Information Technology* - e WIE – *Women in Engineering*), desenvolve ações

para incentivar mulheres a despertarem interesse para área, como apoio a projetos de extensão para visitar escolas públicas e fazer demonstrações da prática de TI. “Trabalhar no IFPB para mim é uma oportunidade de poder retribuir a formação que recebi e os professores e as professoras inspiradores que eu tive”.

4. Conclusões

Ainda é comum as mulheres enfrentarem preconceitos em universidades, empresas e até mesmo dentro da família. Desta forma, é de fundamental importância o desenvolvimento de projetos que visem a conscientização, quanto ao que se rotula ser o lugar da mulher, principalmente para as meninas que ainda se encontram no ensino médio e receiam a falta de espaço nessa área ou que ainda não a conhecem.

O grande problema é que muitas meninas e mulheres tem medo de arriscar, justamente pelo preconceito e falta o incentivo e campanhas que possam influenciar essas mulheres a deixar de lado esse tabu que se criou. Nas instituições e universidades deveriam existir mais campanhas e incentivos que possam conscientizar e abrir espaço para diálogos e discussões sobre o problema. Futuramente, esperamos que o número de mulheres na área de Tecnologia da Informação no Brasil possa crescer e quebrar essas barreiras de preconceito que existem nas escolas, universidades e ambientes de trabalho, dando oportunidade para todas as mulheres brasileiras.

Referências

- Abbate, J. (2012) *Recoding Gender: Women's Changing Participation in Computing*. The MIT Press.
- Banco Mundial. (2012) Relatório sobre o desenvolvimento mundial: igualdade de gênero e desenvolvimento. <http://siteresources.worldbank.org/INTWDR2012/Resources/7778105-1299699968583/7786210-1315936231894/Overview-Portuguese.pdf>
- HeForShe. (2016) Eles por elas. www.heforshe.org. Acessado em: 02/05/2016.
- Henn, S. (2014) When women stopped coding. <http://www.npr.org/sections/money/2014/10/21/357629765/when-women-stopped-coding>. Acessado em 02/05/2016.
- Huallem, D. Mulheres na TI: um bem escasso e precioso. (2013) http://www.catho.com.br/cursos/mulheres_na_ti_um_bem_escasso_e_precioso. Acessado em: 02/05/2016.
- Linhares, J. (2016) Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”. *Revista Veja*. Publicado em: 18/04/2016. <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/bela-recatada-e-do-lar>. Acessado em: 02/05/2016.
- Medeiros, C. R. de O., Borges, J. F. (2011) Abram-se às Mulheres todas as Portas!": Conversas em Blogs de Mulheres em Carreira de TI. In *XXXV Encontro da ANPAD*, Rio de Janeiro.
- Schwartz, J., Casagrande, L. S., Leszczynski, S. A. C., e Carvalho, M. G. (2006) “Mulheres na informática: quais foram as pioneiras?”, *Cadernos Pagu*, (27), 255-278. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332006000200010>.
- Williams, R. (2011) *Cultura e sociedade: de Coleridge a Orwell*. Petrópolis, RJ: Vozes.